



DOSSIÊ “A FILOSOFIA E O CINEMA”

Desde sua origem, o cinema enquanto tecnologia e o cinema enquanto um conjunto de obras audiovisuais tem sido objeto de estudos de vários filósofos , possibilitando muitos escritos que tratam sobre o cinema na totalidade ou sobre o conteúdo filosófico de uma obra específica.



UNIVERSIDADE
FEDERAL DE JUIZ DE FORA

Girleene Alves da Silva – Reitora
Telmo Mota Ronzani – Vice-reitor

Instituto de Ciências Humanas
Fernando Perlatto – Diretor
Wagner Batelha – Vice-diretor

Departamento de Filosofia
Nathalie Barbosa de La Cadena – Chefe de Departamento
Pedro Calixto Ferreira – Coordenador do Curso
Eduardo Gross – Coordenador do PPG em Filosofia
Antônio Henrique Campolina Martins – Diretor da Revista

Faculdade de Direito
Luciana Gaspar Melquiades – Diretora
Marcella Alves Mascarenhas Nardelli – Vice-diretora
Vicente Riccio Neto – Coordenador do PPG em Direito e Inovação

**É: Revista
Ética e
Filosofia Política**

ISSN: 1414-3917
e-ISSN: 2448-2137

Comissão executiva
Antonio Henrique Campolina Martins – Editor
Marcos Vinicio Chein Feres – Coeditor
Clinger Cleir Silva Bernardes – Editoração Eletrônica
Camila Fonseca de Oliveira Calderano – Secretária

Conselho Editorial

Antonio Cota Marçal (PUC-MINAS)	Luciano Caldas Camerino (UFJF)
Boghos Levon Zekian (Università Ca' Foscari, Venezia)	Luciano Donizetti da Silva (UFJF)
Bruno Amaro Lacerda (UFJF)	Luís Henrique Dreher (UFJF)
Clinger Cleir Silva Bernardes (IFES)	Manoela Roland Carneiro (UFJF)
Débora Mariz (UFMG)	Nathalie Barbosa de La Cadena (UFJF)
Emmanuel Berron (Université Bordeaux-Montaigne)	Pedro Calixto Ferreira Filho (UFJF)
Fábio Caputo Dalpra (IFSULDEMINAS)	Pedro Henrique Barros Geraldo (Universidade de Montpellier)
Fábio Fortes (UFJF)	Pedro Merluzzi (UNICAMP)
Germán Martínez (Fordham University, NY)	Paulo Afonso Araújo (UFJF)
Gustavo Arja Castañon (UFJF)	Ronaldo Duarte da Silva (UFJF)
Humberto Schubert Coelho (UFJF)	Wolfram Hogrebe (Universidade de Bonn)
Isabelle Bochet (Institut Catholique, Paris)	

Sumário

Editorial

Antônio Henrique Campolina Martins
Clinger Cleir Silva Bernardes

1

Artigos

- Um olhar sobre a ética do cinema na era da comunicação digital *(em italiano)* 6
Dario Edoardo Viganò
- Entre a ciência e o espetáculo: o pós-cinema e a reinvenção do imaginário científico 29
Glaucio Aranha
- Tonalidade afetiva e transcendência: considerações sobre a nossa abertura constituidora para o mundo do filme 69
Luan Alves dos Santos Ribeiro
- Stanley Cavell e o *reconhecimento* do silêncio no cinema sonoro 86
Andrea Cachel
Igor Costa do Nascimento
Pedro Monte Kling
- Senso do maravilhoso: o sublime e o grotesco na análise de filmes de ficção científica 110
Rodrigo Vasconcelos Machado de Mello
Fabiane Estevão Barros
Luiz Augusto Coimbra de Rezende Filho
- Reconfigurar a história com imagens dialéticas: apontamentos a partir da obra *La Rabbia* de Pier Paolo Pasolini 132
Matheus Silveira dos Santos
Ana Maria Pimenta Hoffmann
- Nimona, uma conversa possível sobre identidades, gênero, sexualidades e diferenças 157
André Luiz Bernardo Storino
Ivan Amaro
Carolina Romanazzi Freire
- Do clarão das fogueiras ao brilho das telas - as *projeções de si* no cinema indígena 178
Ricardo Valim
José Benedito de Almeida Jr
- Montando um espírito brasileiro: uma análise do filme *À meia-noite levarei sua alma* (1964) 198
Everton Sousa
Frederico Osanan Amorim Lima
- ‘Hua Mulan’: a saga da guerreira chinesa que questiona estereótipos e papéis de gênero e retrata o empoderamento feminino na china antiga (Dinastia Wei do Norte) 223
Izabela Lopes Jamar
Margareth Pereira Arbués

Ensino de filosofia e o cinema como recurso didático-pedagógico: uma possibilidade na perspectiva de Antônio Gramsci <i>Georgio Famarion Rodrigues Lacerda</i> <i>Pedro Pereira dos Santos</i>	243
Uso de filmes, séries e documentários no ensino de filosofia: uma revisão de literatura <i>Clinger Cleir Silva Bernardes</i> <i>Silvio José Trindade Alvim</i>	265

EDITORIAL

Dossiê “A Filosofia e o Cinema”

É com grande entusiasmo que apresentamos uma edição inteiramente dedicada a explorar as ricas e multifacetadas intersecções entre o Cinema e a Filosofia.

O direcionamento do olhar é o início para se fazer filosofia e cinema. Ali tudo se inicia. Já na antiga Grécia, encontramos o olhar polissêmico que está na base desta interface, expressa pelos verbos, na gramática: ‘*oráo*’, que quer dizer ‘olhar genérico, teórico, de onde surge o substantivo teoria; ‘*skopéo*’, referindo-se sempre ao olhar em profundidade, tão usado na medicina; ‘*idéin*’, olhar formando ideias. É a partir desta polissemia do olhar que surge, na Jônia (pré-socráticos) e vai até Iena (Hegel) a reflexão filosófica monológica, a filosofia que fala e de Kassel (Rosenzweig) até nossos dias, o pensamento dialógico, aquele que fala e escuta. Desta forma, o visual que abstrai e pensa, que conceitua, através de uma racionalidade coesa, que se materializa em uma obra muitas vezes monumental, se encontra com o visual genial poético, artístico, contemporâneo do cinema, em uma síntese surpreendente, espetacular. Razão e existência se fundem, razão como mapa, caminho, direção; existência como fluxo, vida, sustentáculo

anímico. Como nos diz o grande Reitor da Universidade de Salamanca Miguel de Unamuno, temos o dever de “*pensar os sentimentos e de sentir os pensamentos*”. No Cinema, a filosofia é articulada com a arte, no nível de um “*fazer estético*” que nos interpela e nos salva de nossas angústias do dia a dia trivial, monótono, onde as horas, os minutos, os segundos são iguais, assim como tudo o que se nos acontece aí dentro, ou seja, as pessoas e as relações. O encontro da Filosofia com o Cinema tem, pois, uma finalidade “*soteriológica*”, ou seja, a de nos resgatar da “*mesmidade*” pessimista de uma vida fechada, suicida, e de nos abrir para o débito existencial que devemos pagar em nome de um sentido, cuja referência existe: o dever de construir uma história feita de senões e de graças. É nesta confluência hermenêutica feliz de duas perspectivas epistemológicas que também aqui nos encontramos, com esta edição singular, inédita, onde o visual, racional e poético, se expressa.

Iniciamos esta jornada com a contribuição internacional de **Dario Edoardo Viganò**, que, em “*Um olhar sobre a ética do cinema na era da comunicação digital*”, nos convida a uma reflexão crucial sobre os novos desafios éticos que a cultura digital impõe à produção e recepção cinematográfica.

Na sequência, **Glaucio Aranha**, em “*Entre a ciência e o espetáculo: o pós-cinema e a reinvenção do imaginário científico*”, investiga, a partir da semiótica da cultura de Yuri Lotman e da filosofia de Nietzsche, como o pós-cinema redefine as fronteiras entre a representação científica e o espetáculo, moldando novas formas de compreender e se relacionar com o conhecimento.

As bases da experiência fílmica são o foco de **Luan Alves dos Santos Ribeiro** com “*Tonalidade afetiva e transcendência: considerações sobre a nossa abertura constituidora para o mundo*

do filme”. Dialogando com a ontologia de Heidegger, o artigo explora como as tonalidades afetivas e a transcendência constituem nossa abertura para o universo que se descortina na tela.

Em “*Stanley Cavell e o reconhecimento do silêncio no cinema sonoro*”, **Andrea Cachel, Igor Costa do Nascimento e Pedro Monte Kling** aprofundam a contribuição da filosofia analítica. A partir de Cavell, os autores analisam o silêncio não como ausência, mas como um elemento expressivo fundamental que revela a natureza da linguagem e o realismo essencial ao meio cinematográfico.

A estética do cinema de ficção científica é o tema de **Rodrigo Vasconcelos Machado de Mello, Fabiane Estevão Barros e Luiz Augusto Coimbra de Rezende Filho** em “*Senso do maravilhoso: o sublime e o grotesco na análise de filmes de ficção científica*”, um artigo que mobiliza conceitos filosóficos clássicos para compreender as potências afetivas e imaginativas do gênero.

Retomando a linhagem de Benjamin, **Matheus Silveira dos Santos e Ana Maria Pimenta Hoffmann**, em “*Reconfigurar a história com imagens dialéticas: apontamentos a partir da obra La Rabbia de Pier Paolo Pasolini*”, articulam o conceito de imagem dialética com a obra do cineasta italiano para pensar o potencial do cinema em reconfigurar a própria história.

As questões mais urgentes do nosso presente são abordadas em três artigos que se debruçam sobre as relações entre cinema, identidade e política. **André Luiz Bernardo Storino, Ivan Amaro e Carolina Romanazzi Freire**, com “*Nimona, uma conversa possível sobre identidades, gênero, sexualidades e diferenças*”, analisam a animação como uma potente ferramenta pedagógica para discutir a construção de identidades e a afirmação da diferença.

Por sua vez, **Ricardo Valim e José Benedito de Almeida Jr.**, em “*Do clarão das fogueiras ao brilho das telas - as projeções de si no cinema indígena*”, investigam como as produções audiovisuais de realizadores indígenas se tornam um espaço crucial para a autodeterminação de suas narrativas e identidades.

E em “*Hua Mulan: a saga da guerreira chinesa que questiona estereótipos e papéis de gênero e retrata o empoderamento feminino na china antiga (Dinastia Wei do Norte)*”, **Izabela Lopes Jamar e Margareth Pereira Arbués** analisam as adaptações da história de Mulan como um estudo sobre a subversão dos papéis tradicionais e o empoderamento feminino.

Voltando o olhar para a produção nacional, **Everton Sousa e Frederico Osanan Amorim Lima**, em “*Montando um espírito brasileiro: uma análise do filme À meia-noite levarei sua alma (1964)*”, oferecem uma leitura do clássico de José Mojica Marins através das lentes de Gilles Deleuze, destacando como a montagem espiritual, inspirada no expressionismo, funda uma experiência singular para o terror no Brasil.

Por fim, a edição se encerra com uma seção dedicada a pensar o cinema como ferramenta pedagógica. **Georgio Famarion Rodrigues Lacerda e Pedro Pereira dos Santos**, em “*Ensino de filosofia e o cinema como recurso didático-pedagógico: uma possibilidade na perspectiva de Antônio Gramsci*”, propõem, a partir do pensador italiano, o uso de filmes para conectar a filosofia ao cotidiano dos estudantes.

Fechando o volume, **Clinger Cleir Silva Bernardes e Silvio José Trindade Alvim** apresentam em “*Uso de filmes, séries e documentários no ensino de filosofia: uma revisão de literatura*” um valioso mapeamento da produção acadêmica sobre o tema,

apontando caminhos e lacunas para futuras pesquisas e práticas docentes.

O conjunto de artigos aqui apresentados demonstra que a relação entre Cinema e Filosofia é um diálogo em constante movimento, capaz de gerar novas questões, iluminar conceitos clássicos e nos desafiar a pensar criticamente sobre o mundo, as imagens que o constituem e nosso lugar nele.

Desejamos a todos uma excelente leitura!

Antônio Henrique Campolina Martins
Clinger Cleir Silva Bernardes